

No começo, a imagem era só um cubo de gelo com um dado dentro.

Ela abriu a foto no celular sem pensar muito, sentada na beira da cama, a casa inteira silenciosa, o corredor atrás dela escuro como um buraco.

O gelo parecia comum, leitoso, com rachaduras finas, mas quanto mais ela encarava, mais as marcas se organizavam.

Os veios se alinhavam como fios de cabelo grudados, escorrendo de um topo invisível até o miolo do cubo, onde o dado boiava, imóvel, como um olho suspenso.

Os dois pontinhos pretos na face virada para a câmera encaravam diretamente para fora, e ela não conseguia se livrar da sensação de que não era ela quem observava a foto, mas a coisa dentro dela que observava de volta.

Uma coceira leve começou na nuca, como se alguém tivesse passado a ponta dos dedos bem de leve e depois recuado rápido demais para ser visto.

Ela não se virou.

Apenas aumentou o brilho da tela, aproximando mais o rosto, como se pudesse atravessar o vidro e entender por que aquele gelo parecia tão... profundo.

Não era só um cubo: era quase um quarto transparente, com paredes de frio compactado, e o dado, minúsculo, no centro, como um prisioneiro condenado a ficar sempre na mesma posição.

A respiração dela começou a ficar mais curta sem que percebesse.

Cada vez que piscava, as bolhas de ar no gelo pareciam mudar de lugar, formando pequenos riscos, pequenas letras.

Na terceira piscada, jurou ver um “O”.

Na quarta, um “L”.

Na quinta, um “H”.

Continuou piscando de propósito, os olhos ardendo, até que as linhas se uniram em algo que lembrava uma palavra: OLHA.

Ela soltou um riso seco, porque era ridículo, só podia ser cansaço; e, ainda assim, não parou de olhar.

Foi quando ouviu a porta da sala se abrir.

O som foi baixo, um clique lento da maçaneta girando, seguido por um rangido preguiçoso.

Ela congelou, o coração disparando, mas não afastou os olhos do celular.

Seus dedos, no entanto, tremeram um pouco sobre a tela, distorcendo a imagem num brilho azulado e úmido.

Atrás dela, passos leves arranharam o piso, como se pés descalços arrastassem um pouco a cada avanço.

No cubo de gelo, as rachaduras desciam agora como garras em direção ao dado.

As duas bolinhas negras pareciam mais fundas, mais escuras, como buracos reais, não só tinta.

Ela sentiu um sopro frio passar pelo pescoço, tão gelado quanto o cubo.
Teve certeza de que, se olhasse para trás, veria um rosto colado ao dela, saindo da sombra.

Os passos se aproximaram, mas eram estranhamente abafados, como se ecoassem dentro da própria cabeça dela.

Cada batida parecia sincronizada com as batidas do próprio coração, até ser impossível distinguir o que vinha de fora e o que vinha de dentro.

Ela tentou falar “quem tá aí?”, mas a voz morreu no caminho, presa no peito, pesada.

A cama afundou um pouco atrás de seu quadril.

Alguém sentara ali.

O colchão cedeu num afundar lento e calculado, como se a pessoa se acomodasse com cuidado para não assustá-la demais, como se o susto tivesse que ser administrado em doses, gota a gota.

Ela sentiu o peso quase colado à sua coluna, mas continuou olhando para o gelo.

Agora, dentro do cubo, algo mudara: o dado já não estava na mesma posição.

Antes, mostrava duas bolinhas.

Agora, a face visível era a de três.

Ela sabia, com uma certeza impossível, que não havia rolado, não havia se mexido de maneira normal.

Simplesmente... mudara.

As bolhas de ar formavam outra palavra, ou pedaços de palavras, difíceis de ler, porque seus olhos começavam a marejar: VOLTA.

Um cheiro de umidade antiga invadiu o quarto, misturado com o perfume muito conhecido de alguém que ela não via mais.

Não era cheiro da casa.

Não era cheiro de ninguém vivo.

Os dedos — frios, finos, duros — pousaram na curva do ombro dela, primeiro com gentileza, deslizando até o pescoço.

Ela sentiu cada falange, cada junta, como gelo sólido encostando na pele quente.

As mãos apertaram.

Não foi um aperto brusco, violento; foi lento, firme, como se estivessem testando o formato da garganta, memorizando-o, moldando-se a ele.

A pressão aumentou gradualmente, e o mundo se fechou num zumbido grosso, como se alguém tivesse colocado algodão em seus ouvidos.

O ar, antes livre, virou um fio duro tentando passar por um espaço que encolhia.

Seus pés começaram a se debater no chão, batendo no tapete.

As unhas arranharam a capa do celular, mas ela não o soltou.

Ao contrário, agarrou-o mais forte, trazendo a tela ainda mais perto, tanto que o brilho branco

queimava seus olhos lacrimejantes.

Dentro do cubo, minúsculas rachaduras correram em direção ao dado como raízes famintas.

O número do dado mudou de novo.

Agora, a face virada para ela mostrava quatro pontos.

Cada ponto era um vazio profundo, um poço escuro, como se por ele fosse possível olhar para fora da imagem, para o quarto, para a nuca dela, para as mãos esmagando seu pescoço.

As bolhas de ar se reagrupavam, formando algo que parecia um círculo, um zero, ou talvez um olho.

Ela começou a achar que, se continuasse encarando, acabaria vendo seu próprio rosto ali dentro, distorcido pelo gelo.

O aperto aumentou.

As veias saltaram em suas têmporas, a visão esfarelado nas bordas em pontos pretos.

O som do próprio sangue rugia em seus ouvidos, abafando tudo, mesmo assim ela teve certeza de escutar um sussurro muito perto: um sussurro que não saía de uma boca, mas do cubo.

Era como se o gelo falasse sem derreter, sem se partir, apenas vibrando silenciosamente.

Ela não entendeu as palavras, mas reconheceu a intenção: não era raiva, não era ódio; era curiosidade.

O mundo escureceu um pouco mais.

Dentro da tela, uma rachadura importante cruzou o cubo de cima a baixo, finíssima, brilhando.

Ela jurou ver um movimento líquido ali dentro, como se a água presa tentasse se mexer, mas algo a impedisse, esmagando cada tentativa de fuga.

O dado girou lentamente, muito lentamente, como se alguém o empurrasse com um dedo invisível.

Cinco pontos.

Cinco furos negros, todos voltados para ela, alinhados como cinco olhos que, por um segundo, se moveram juntos, mirando exatamente o espaço entre sua sobrancelha e seu nariz.

Não havia mais foto, não havia mais iluminação de estúdio, nem ruído de “digitalizado com CamScanner”; havia apenas o cubo, ocupando todo o visor, e o frio que agora escorria pela tela para dentro dos dedos dela.

O aperto no pescoço chegou ao limite.

Seu corpo inteiro tremia, lutando, mas o peso atrás dela não se movia; era como segurar uma estátua.

Aos poucos, os movimentos foram ficando mais curtos, mais fracos, até que sobraram apenas pequenos espasmos.

Um calor estranho subiu pelo rosto, misturado a um torpor pesado, quase doce.

No último instante, antes que a consciência se apagasse, o dado girou pela última vez.

Seis pontos.

Seis buracos, seis olhos, seis bocas silenciosas dizendo algo que ela não queria — ou não podia — compreender.

As bolhas de ar se reorganizaram num único comando nítido: PARA.

Tudo parou.

Ela piscou.

A imagem voltou a ser só uma foto de um cubo de gelo com um dado dentro, fria e estática na tela do celular.

Não havia ninguém atrás dela; a cama estava lisa, intocada.

Seus pés estavam firmes no chão, sem qualquer sinal de luta; suas mãos repousavam calmas sobre o colo, segurando o telefone sem tremor.

O quarto permaneceu exatamente como sempre fora: escuro no corredor, silencioso, imóvel.

Ela notou, pela primeira vez, que não estava ofegante.

Seu peito subia e descia devagar, num ritmo tão constante que parecia ensaiado.

Nenhuma marca roxa no pescoço, nenhum sinal de dedos, nenhum ardor na garganta.

Só um leve frio espalhado por dentro, como se tivesse engolido um pedaço de inverno.

Olhou de novo para o cubo.

O dado mostrava apenas uma face comum, dois pontinhos tranquilos, bobos e inocentes.

Nada se mexia, nenhuma rachadura formava palavras, nenhuma bolha desenhava símbolos.

Mesmo assim, ela não conseguiu afastar a sensação de que tinha acabado de perder alguma coisa importante, algo que não sabia nomear.

Percebeu que continuava exatamente na mesma posição de quando abrira a imagem, minutos — ou segundos — antes.

Os ombros, alinhados; o pescoço, ereto; as costas, retas, como se fossem parte de um mesmo eixo.

Era como se todo o resto tivesse acontecido num lugar onde o corpo não participara, apenas a mente.

E, ainda assim, quando apagou a tela, o quarto pareceu mais escuro do que deveria.

E, lá no fundo do pensamento, como um eco minúsculo preso sob o gelo, alguma coisa rolou, parou e sussurrou o número que caíra para cima.